

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO CENÁRIO PÓS-PANDEMIA: DIFICULDADES, PERSPECTIVAS E DESAFIOS

ALEXANDRA CARNIEL¹

SILVANA PIRES DE MATOS²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem a finalidade de relatar vivências, dificuldades, perspectivas e desafios vivenciados por duas professoras de Geografia no cenário pós-pandemia. Muitas das considerações deste relato têm por base nossas observações *in loco* nas escolas frente a atuação como docentes da educação básica do Ensino Fundamental.

É preciso ressaltar que como professoras de Geografia, somos comprometidas com o nosso trabalho e nosso dever de transformar diferentes realidades, nos preocupando assim com o futuro de nossas crianças e jovens e acreditando na força da Educação Geográfica na formação de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa parte de uma análise qualitativa da vivência de duas docentes da educação básica em suas aulas de Geografia no cenário pós-pandemia, com a análise bibliográfica de autores que dissertem sobre a Educação Geográfica, como Callai (2011), Portugal (2018) e reflexões sobre a Geografia tem fome de quê? (tema do evento), com base na obra de Castro (1948).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Educação Geográfica é uma forma de pensar, observar, analisar e contextualizar o mundo, é a maneira de ler as entrelinhas das relações, processos e fenômenos que se passam nas diferentes escalas. A Educação Geográfica vai além do ensino de Geografia é um modo de compreender as diferentes relações de poder que marcam territórios, que transformam paisagem

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Campus-Francisco Beltrão-PR. Professora da educação básica da rede privada de ensino do município de Erechim-RS.

² Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Campus-Francisco Beltrão-PR. Professora da educação básica da rede municipal de ensino de Concórdia-SC.

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO

e estabelecem as dinâmicas dos lugares. À respeito da Educação Geográfica Callai (2011), disserta:

Este é um conceito que diz respeito a algo mais que simplesmente ensinar e aprender geografia. Significa que o sujeito pode construir as bases de sua inserção no mundo em que vive e compreender a dinâmica do mesmo através do entendimento da sua espacialidade (CALLAI, 2011, p.2).

A Educação Geográfica vai além do ensinar e aprender a Geografia, mas é pensar sobre o que se faz com o que se sabe, e o que é necessário aprender para compreender melhor as diferentes situações da atualidade. A pandemia da COVID-19, com todas as suas implicações também influenciou no acesso e na construção da Educação Geográfica.

A pandemia da COVID-19 foi um fenômeno de escala global que transformou o modo de vida de muitas famílias, em que muitos trabalhos foram home office remotos, e inclusive as aulas passaram a ser on-line. Com as aulas on-line, através das plataformas digitais google meet ou google clasromm, muitos estudantes foram prejudicados por não possuírem acesso à internet e ou computadores. Muitas vezes famílias numerosas de três ou quatro irmãos precisaram se organizar para apenas com um celular conseguir acessar as aulas e realizar os trabalhos e avaliações, este período foi muito conturbado em que os estudantes passaram de um ano e meio até dois anos com aulas on-line.

Desta forma podemos afirmar que a desigualdade social foi ainda mais acentuada no cenário da pandemia, em que muitos trabalhadores perderam seus empregos, muitos postos de trabalho foram fechados e conseqüentemente muitos jovens largaram os estudos em busca de um trabalho remunerado que pudesse contribuir com a renda familiar, tornando ainda maior o processo de evasão escolar.

A partir de algumas simples constatações podemos avaliar que este período foi muito complicado para as famílias com crianças na faixa etária de 6 a 7 anos que precisaram alfabetizar seus próprios filhos, nestas crianças que hoje estão no 4º ano nota-se uma grande dificuldade no traçado das letras, na diferenciação entre substantivos com letras maiúscula ou minúscula.

Alfabetizar uma criança é um ato complexo que exige comprometimento, dedicação, análise das dificuldades e diversas estratégias metodológicas que despertem a atenção e a curiosidade por aprender, alfabetizar não é apenas diferenciar as letras e pronunciar sons, mas

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO

é um grande passo para o aprimoramento da linguagem, na formação de frases, parágrafos e textos.

Nos estudantes na faixa etária de 10 a 11 anos, nota-se uma grande dificuldade nos conteúdos que exigem abstração, na seleção de informações relevantes na hora de elaborar um resumo, uma dificuldade na sistematização e organização das informações para transformá-las em conhecimento.

E nos estudantes mais velhos na faixa etária dos 12 aos 16 anos percebe-se uma grande dificuldade na interpretação e análise de mapas, gráficos, tabelas e pirâmides etárias, destacando desta forma uma grande defasagem no processo de alfabetização cartográfica. Em conteúdos que exigem a realização de cálculos simples, como a escala, coordenadas geográficas ou fuso-horários identifica-se uma grande dificuldade de localização dos estudantes, bem como na leitura e interpretação das legendas dos mapas e de relacionar a rosa dos ventos às direções cardeais, colaterais e subcolaterais, ressaltando desta maneira grandes obstáculos na leitura e análise do espaço através dos elementos cartográficos.

É nessa faixa etária também que nos conteúdos de Geografia são abordados fenômenos espaciais que interferem nas mais diversas escalas, e afetam a realidade de diferentes indivíduos, demonstrando algumas defasagens em conteúdos referentes a formação para a cidadania, enfatizando grandes prejuízos na formação de uma educação emancipatória que vise a criticidade sobre a realidade

A pandemia da COVID-19 trouxe muitas implicações à saúde dos estudantes, nota-se que muitos tornaram-se mais deprimidos, depressivos e inseguros, características que precisam ser trabalhadas, em que muitas vezes antes de realizar uma avaliação o professor precisa tranquilizar estes alunos e acalmá-los para que possam se concentrar melhor ao realizar um teste ou prova. E em muitas ocasiões na devolutiva destas avaliações aos estudantes, ao não atingir o resultado almejado, nota-se situações de desespero, choro e aflição por parte dos estudantes, em que mais uma vez o professor precisa acolher, ouvir e mostrar que aquele indivíduo é muito mais do que apenas “uma nota”, nos fazendo refletir novamente sobre o real valor de uma prova como instrumento avaliativo, mas por vezes como professores nos vemos amarrados a práticas de avaliação tradicionais em que não realizar uma prova, aos olhos externos pode parecer falta de vontade ou comprometimento com o próprio trabalho.

Neste contexto, também vivenciamos o episódio de adoecimento de nossos educadores, muitos ficaram sobrecarregados no período de aulas on-line e a dificuldade de acesso as

CINQUENTENÁRIO DO FALECIMENTO DE JOSUÉ DE CASTRO

tecnologias ou plataformas digitais gerou cenários de depressão e frustração, muitos desenvolveram quadros de ansiedade, estresse e insatisfação com o seu trabalho, enfatizando assim a grande necessidade de auxílio emocional e valorização das carreiras dos profissionais da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste contexto muitas habilidades e competências presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não foram cumpridas nos anos letivos, principalmente nos anos 2020 e 2021, afetados pela pandemia da COVID-19, deixando muitas lacunas e defasagens na aprendizagem dos estudantes. Superar estas lacunas é um trabalho difícil que exige o máximo de empenho, dedicação e comprometimento de estudantes, famílias, professores, escolas e secretarias de educação, na elaboração de planos e metas que visem realizar avaliações diagnósticas, analisar resultados e buscar uma nova retomada de conteúdos para que de fato possamos proporcionar uma educação de qualidade a todos.

Na nossa visão como professoras da educação básica, a Geografia têm fome de um mundo melhor, em que os grandes problemas gerados pela pandemia possam ser superados, em que o abismo da desigualdade social possa ser solucionado, e que nossas crianças e jovens não deixem de aprender por causa de condições de vulnerabilidade social. Queremos uma educação que vise uma formação humana integral do sujeito, que valorize a ciência e que a tecnologia seja uma ferramenta eficaz na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. O conhecimento geográfico e a formação do professor de geografia.

Revista Geográfica de América Central, vol. 2, 2011, p 1-20. CASTRO, J. **Geografia da fome**. 2ª ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro. 1948.

PORTUGAL, Jussara Fraga. **Educação geográfica: diversas linguagens**. Salvador: EDUFBA, 2018.